A RELAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM A PRÁTICA DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ROSANA EDMÉRCIA AMATTO ABREU

RESUMO: Considerando que a contação de histórias é uma prática milenar que contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, o presente estudo trata sobre a relação entre a contação de histórias e o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, a fim de compreender de que forma essa prática pode ser utilizada como recurso pedagógico. Nesse sentido, buscou-se identificar os benefícios da narrativa oral para o desenvolvimento infantil, discutir a importância da atuação docente como mediador nesse processo e analisar como a contação pode ser incorporada de maneira criativa às metodologias escolares.
Realizou-se, então, uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada em levantamento bibliográfico, com base em livros, artigos científicos e documentos oficiais que abordam a literatura infantil, a oralidade e a prática pedagógica. Diante disso, verificou-se que a contação de histórias favorece o desenvolvimento da linguagem, amplia o vocabulário, estimula a imaginação e fortalece vínculos afetivos, promovendo aprendizagens mais significativas. Além disso, constatou-se que a formação e a atuação do professor são determinantes para que essa prática seja aplicada de forma eficaz e consistente no cotidiano da Educação Infantil. Foi possível concluir que a contação de histórias deve ser compreendida não apenas como recurso lúdico, mas como estratégia pedagógica essencial, que contribui para a formação de leitores críticos e criativos e para o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem desde os primeiros anos escolares.
Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Ensino-Aprendizagem. Literatura Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática ancestral que atravessa gerações e culturas, exercendo funções educativas, sociais e afetivas ao longo da história da humanidade. Na Educação Infantil, essa arte ganha relevância ao despertar a imaginação, estimular a linguagem e favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Muito além de entreter, contar histórias possibilita que os pequenos tenham contato com valores, tradições e experiências que contribuem para sua formação integral, estabelecendo pontes entre fantasia e realidade. Nesse contexto, a escola se apresenta como espaço privilegiado para inserir a narrativa oral e literária como parte do processo de ensino-aprendizagem.

A escolha deste tema se justifica pela constatação de que, apesar de seu potencial formativo, a contação de histórias ainda é subutilizada em muitas instituições de ensino. Em diversos casos, observa-se a tendência de limitar a leitura literária a práticas meramente pedagógicas, vinculadas à transmissão de conteúdos ou à disciplina, sem valorizar sua dimensão estética, lúdica e cultural. Essa realidade reflete, em parte, fragilidades na formação inicial docente, que nem sempre contempla de maneira satisfatória a preparação para o trabalho com a literatura na infância. Diante disso, torna-se necessário refletir sobre a importância da contação de histórias como recurso didático e investigar de que modo sua incorporação sistemática pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a sociedade contemporânea, marcada pela tecnologia e pela velocidade da informação, exige que a escola busque estratégias inovadoras que despertem o interesse da criança pela leitura. A contação de histórias, por sua capacidade de encantar e envolver emocionalmente, emerge como ferramenta pedagógica capaz de fortalecer vínculos, desenvolver competências comunicativas e formar leitores críticos desde os primeiros anos. Assim, esta pesquisa busca oferecer subsídios teóricos que fundamentem a prática do educador, evidenciando sua relevância no contexto da Educação Infantil.

O problema de pesquisa que norteia este estudo pode ser assim formulado: De que forma a contação de histórias pode contribuir

para o processo de ensino- aprendizagem na Educação Infantil?

A hipótese defendida é que a contação de histórias, quando planejada e aplicada de maneira sistemática pelo docente, constitui um recurso pedagógico eficaz para promover aprendizagens significativas, estimular a criatividade e favorecer a formação de leitores, tornando o processo educativo mais dinâmico, lúdico e prazeroso.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a relação entre a contação de histórias e a prática de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Especificamente, busca-se: compreender os benefícios da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social das crianças; discutir a relevância da atuação docente nesse processo; e identificar de que forma essa prática pode ser incorporada às metodologias de ensino de forma criativa e eficaz.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa adota uma abordagem de revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, fundamentada em autores que discutem a literatura infantil, a contação de histórias e suas implicações pedagógicas. O estudo se apoia em referenciais teóricos contemporâneos e clássicos da área, permitindo compreender como essa prática evoluiu ao longo do tempo e quais contribuições oferece para a Educação Infantil. Trata-se, portanto, de uma investigação bibliográfica, que não envolve estudo de caso ou análise empírica, mas que se ancora em fontes acadêmicas já publicadas, garantindo solidez e relevância às discussões propostas.

O desenvolvimento do artigo está organizado em capítulos que aprofundam as reflexões sobre o tema. O primeiro capítulo aborda a relação da criança com a contação de histórias, resgatando sua dimensão histórica, cultural e pedagógica. Em seguida, o segundo capítulo discute a contação de histórias na Educação Infantil, destacando sua contribuição para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da socialização. Já o terceiro capítulo enfatiza a relevância da atuação docente nesse processo, apontando desafios e possibilidades para a prática pedagógica. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que sintetizam os resultados da pesquisa e evidenciam a importância de fortalecer essa prática como parte integrante do ensino-aprendizagem na infância.

2 A RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Durante muito tempo, as narrativas — tanto reais quanto fictícias — eram transmitidas por meio da oralidade. Na Idade Média, os contadores de histórias eram figuras admiradas por onde passavam. Os trovadores percorriam castelos e vilarejos compartilhando narrativas que agradavam ao povo. Com o surgimento da escrita, consolidaram-se os registros orais, seguidos pelo relato de acontecimentos considerados verídicos e, mais tarde, pelas histórias inventadas, que compõem a ficção literária. A literatura infantil, por sua vez, teve origem nesse contexto, a partir das tradições orais populares e da prática de contar histórias.

A arte de contar histórias remonta a tempos muito antigos, antecedendo até mesmo o surgimento da escrita. Por meio da fala, as pessoas compartilhavam com suas comunidades acontecimentos do cotidiano, transmitindo saberes, tradições, valores culturais, mitos e crenças entre as gerações. Além de sua função educativa e cultural, essa prática também servia como forma de lazer, diversão e entretenimento coletivo.

De acordo com Schermack (2012), antes do surgimento da escrita, o saber humano era repassado oralmente, por meio da linguagem falada. No entanto, como essa forma de comunicação não era suficiente para expressar plenamente a complexidade cultural das sociedades, surgiu a necessidade de utilizar suportes concretos que possibilitassem organizar e registrar o conhecimento, levando ao desenvolvimento da escrita.

Com o passar do tempo, especialmente no século XX, o contar de histórias passou a incorporar elementos além da palavra falada ou escrita. Embora estas ainda desempenhem um papel fundamental na narrativa, o ato de narrar passou a envolver também a criação por meio de imagens, que se tornaram componentes essenciais no processo de construção das histórias.

Segundo Schermack (2012), a oralidade pas-

sou a se concretizar por meio da necessidade de leitura em suportes específicos, o que levou à narração de histórias baseadas em textos escritos. Isso proporcionou um impacto positivo nos ouvintes, pois os conteúdos eram mais bem estruturados e os textos passaram a circular de forma mais ampla na sociedade.

Ao compartilhar histórias com as crianças, os adultos contribuem significativamente para que elas iniciem o processo de formação de sua identidade social e cultural. Além disso, essa prática estimula o desenvolvimento da linguagem, ampliando o repertório de significados e hábitos da criança, sendo, portanto, uma ferramenta indispensável na Educação Infantil.

Entretanto, contar histórias vai além da simples leitura de um texto. É necessário que o narrador compreenda, memorize e internalize a narrativa, a fim de recontá-la de forma expressiva e detalhada. Para isso, pode-se recorrer a diversos recursos como variações de entonação, ritmo, pausas, timbres, além de gestos, trajes e cenários que enriquecem a performance. O contador deve mergulhar na história, transmitindo-a com autenticidade e vivência, a partir dos elementos que compõem a narrativa.

Antunes (2001), contudo, ressalta que a infância é um período em que as atitudes se transformam. Ao ouvirem histórias, as crianças se identificam com os personagens, o que as ajuda a elaborar questões internas e resolver conflitos por meio de enredos que refletem experiências semelhantes às suas.

É natural que a criança precise de fantasia, sonhos e mundos imaginários para interpretar o real. O universo dos livros oferece essa possibilidade, pois ajuda os pequenos a compreenderem melhor o ambiente em que vivem, construindo pontes entre o imaginário e a realidade.

Para Abramovich (2001), o ato de contar histórias vai além do entretenimento infantil. Ele desempenha um papel essencial no processo de aprendizagem, especialmente nas fases iniciais da formação do leitor. A contação é um caminho de descoberta e tem grande impacto no desenvolvimento cognitivo da criança.

Nessa perspectiva, narrar ou ler histórias proporciona benefícios diversos, como o estímulo à criatividade, o desenvolvimento da inteligência, a formulação de ideias, a resolução de dúvidas e o contato com situações complexas da vida, como conflitos e soluções.

Ao ouvir uma história, a criança vivencia uma gama de emoções — como alegria, medo, raiva, tristeza, dor, insegurança — e aprecia profundamente o poder que a narrativa tem de despertar sentimentos e provocar reflexões, trazendo à tona verdades subjetivas e experiências pessoais que podem ou não ser compartilhadas por outros.

Abramovich (2001) também destaca que contar histórias, independentemente do tipo, exige conhecimento sobre a técnica envolvida. Segundo o autor, essa prática possibilita o contato com novas palavras, com a musicalidade das frases e dos nomes, além de permitir a percepção do ritmo e da cadência dos relatos, que podem fluir como uma canção. Ao narrar, o contador também pode explorar a sonoridade dos versos, o uso das rimas e o jogo criativo com as palavras. Dessa forma, contar histórias é compreendido como uma verdadeira forma de arte.

De acordo com Riter (2009), o ato de contar histórias representa o primeiro passo na formação de um leitor. Ele afirma que expressões como “Era uma vez” abrem as portas para novas percepções e mundos imaginários, incentivando a fantasia e despertando a curiosidade das crianças. Essa introdução ao universo narrativo promove questionamentos sobre a realidade e a ficção, além de oferecer possibilidades de reinterpretar o mundo para encontrar soluções criativas para problemas.

As crianças se sentem naturalmente atraídas pelas histórias e pela maneira como são narradas. Quando há a mediação de um professor ou contador de histórias, essa experiência se torna ainda mais rica, permitindo que os pequenos mergulhem nas tramas, compreendam os personagens e se transportem para os cenários descritos, muitas vezes se identificando com os elementos da narrativa como se fizessem parte dela.

Esse envolvimento evidencia a importância de inserir a contação de histórias no cotidiano escolar, não apenas como entretenimento, mas como uma poderosa ferramenta pedagógica. Ela contribui para a preservação

da cultura, promove a construção de valores éticos e sociais, incentiva a imaginação, aprimora a linguagem oral e amplia o repertório linguístico das crianças, tanto na fala quanto na escrita.

Atualmente, contar histórias também se consolidou como uma prática associada ao trabalho do educador. Essa arte vem ganhando novos espaços além das salas de aula e bibliotecas, passando a fazer parte de diferentes contextos, como hospitais, empresas, festas infantis e rodas de leitura, ampliando ainda mais seu alcance e relevância social.

2.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com as mudanças ocorridas nos últimos anos, a Educação Infantil passou a assumir um papel fundamental que une o cuidar e o educar, dentro da atuação docente. Esse novo olhar tem como objetivo contribuir para a formação de indivíduos preparados para a vida em sociedade. O cuidado está relacionado a ações como higiene, afeto, atenção e alimentação, promovendo o desenvolvimento saudável da criança. Já a educação amplia as capacidades cognitivas, ao favorecer o contato com a linguagem, a leitura e os livros, abrindo caminho para o domínio da leitura e da escrita de forma progressiva.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, Brasil, 1998) enfatiza que é nas instituições de educação infantil que as crianças encontram um ambiente estimulante e acolhedor para seu pleno desenvolvimento. Esses espaços não devem se restringir a funções assistencialistas ou apenas organizadas de forma sistemática, mas precisam ser ambientes ricos em experiências que favoreçam o crescimento integral da criança — contemplando suas dimensões cognitivas, motoras, sociais e afetivas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) reforçam que cabe às instituições oferecerem oportunidades reais para que as crianças se apropriem do conhecimento e tenham acesso a diferentes linguagens, à convivência, à proteção, à saúde, à liberdade e ao respeito. É nesse contexto que a contação de histórias se insere como uma prática educativa, capaz de abrir novas possibilidades de construção do saber.

Abramovich (2001) destaca que é na primeira infância que o imaginário das crianças começa a se formar, e é justamente nesse período que o encantamento pelas histórias aflora. O contato com a narrativa oral desperta o prazer de ouvir histórias, plantando as sementes que futuramente florescerão no processo de letramento.

Contar histórias é, portanto, uma forma profunda de contribuir com o desenvolvimento infantil, estimulando a criatividade, o pensamento simbólico, a linguagem e a capacidade de imaginar. Ao ouvir ou participar de uma história, a criança cria e recria cenários, personagens e desfechos, encontrando novos significados e elaborando seus próprios “finais felizes”.

A contação de histórias pode ser utilizada na escola não como um fim em si mesma, mas como um meio para promover o desenvolvimento das crianças dentro da sociedade em que estão inseridas, incentivando sua participação significativa e contribuindo para sua formação cidadã. Esse é, afinal, um dos verdadeiros papéis da escola. No entanto, para que isso aconteça de forma efetiva, é necessário investir na formação docente, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96 (Brasil, 1997), em seu artigo 62, §1º, ao determinar que é dever do Estado garantir a formação inicial, continuada e a capacitação dos profissionais do magistério.

De acordo com Goulart e Nascimento (2025), por meio das narrativas, orais ou lidas, as crianças podem sentir e viver importantes emoções como: raiva, tristeza, alegria, tranquilidade e tantas outras, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Diante dessa perspectiva, conforme apontam Santos e Ferreira (2022), a contação de histórias dos mais variados gêneros na educação infantil desempenha um papel fundamental ao introduzir as crianças no universo da leitura, contribuindo para a melhoria do rendimento escolar, da compreensão textual e para o desenvolvimento do gosto e do interesse pela leitura. Essa prática também favorece o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação de bons leitores.

Por isso, é imprescindível que o professor proporcione diariamente esses momentos de leitura, que despertam a sensibilidade, a afetividade e a partilha. Nessas ocasiões, as crianças, enquanto ouvintes, têm a oportunidade de vivenciar o mundo do faz de conta, o que as prepara simbolicamente para lidar com os desafios da vida real.

Dessa maneira, a contação de histórias se configura como uma valiosa estratégia pedagógica na Educação Infantil. Ela não apenas apoia o trabalho do professor, como também favorece a aprendizagem significativa dos alunos. Escutar histórias fortalece o mundo imaginário, desperta a curiosidade, amplia o vocabulário, apoia o processo de alfabetização e contribui diretamente para o desenvolvimento da socialização e da empatia nas crianças.

2.2 A RELEVÂNCIA DA ATUAÇÃO DOCENTE NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

A prática de contar histórias na Educação Infantil representa uma ferramenta pedagógica valiosa, capaz de fortalecer a atuação docente e favorecer o desenvolvimento integral das crianças. Ao ouvir histórias, os pequenos têm suas capacidades cognitivas estimuladas, sua imaginação ativada e sua linguagem enriquecida. Essa vivência lúdica, que pode se dar por meio de brincadeiras, danças, jogos e narrativas, favorece a construção do conhecimento de forma prazerosa e natural, sem que as crianças percebam que estão aprendendo. A narrativa, quando bem conduzida, desperta o encantamento, promove aprendizagens significativas e contribui para a formação de sujeitos criativos e críticos.

Segundo Bussato (2006), a contação de histórias está intimamente ligada ao desenvolvimento da imaginação. O autor destaca que as histórias, ao se conectarem com o coração, percorrem caminhos poéticos e despertam sentimentos que favorecem a criação de imagens internas, o que proporciona bem-estar e favorece o ato de imaginar. Esse processo subjetivo tem papel essencial na formação emocional e simbólica da criança.

Além do aspecto emocional, a escuta de histórias também contribui para o desenvolvimento linguístico e para os primeiros passos da alfabetização. O contato com a narrativa estimula habilidades metalinguísticas, amplia o vocabulário e favorece a compreensão de estruturas gramaticais e textuais. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) reforça que a leitura de histórias é uma fonte expressiva de aquisição lexical, uma vez que expõe as crianças a novas palavras e expressões que enriquecem seu repertório linguístico.

A estrutura dos contos — com personagens, enredos bem delineados e desfechos — ajuda os pequenos a reconhecerem padrões narrativos, facilitando a compreensão textual e o desenvolvimento da expressão oral e escrita. Assim, as habilidades adquiridas na Educação Infantil se tornam alicerces importantes para os processos de letramento e alfabetização que virão nas etapas seguintes.

Dentro dessa perspectiva, autores como Soares, citado por Bagno (2002), ampliam a ideia de letramento ao integrar a oralidade às práticas sociais de leitura e escrita. Para Bagno, o domínio da linguagem vai além do simples ato de ler e escrever: envolve também a habilidade de participar de práticas sociais orais, fundamentais para a construção do conhecimento coletivo e para a preservação da memória cultural. O autor ainda ressalta a importância das práticas orais na transmissão de saberes, especialmente em contextos históricos e culturais onde a escrita não era predominante.

De acordo com Vieira e Brito (2014), na educação infantil, os professores devem atuar como incentivadores do hábito da leitura, sendo a sala de aula um espaço privilegiado para o desenvolvimento dessa prática. Por isso, é fundamental que o docente se aproprie da leitura como uma ferramenta pedagógica, pois ela oferece uma ampla gama de possibilidades para a criação de estratégias que favorecem o aprendizado e o desenvolvimento integral dos alunos.

Diante disso, cabe ao professor planejar atividades que incentivem o gosto pela leitura e pela contação de histórias desde os primeiros anos escolares. Ao fazer isso, contribui para a formação de uma geração de leitores críticos e curiosos, que reconhecem a literatura como uma forma de expressão e descoberta. Quando a leitura é apresentada

como algo prazeroso e interativo, ela deixa de ser apenas uma obrigação escolar e passa a ocupar um lugar significativo na vida da criança.

Nesse sentido, a valorização da narrativa oral como ferramenta pedagógica é fundamental. O ato de contar histórias pode e deve ser incorporado ao cotidiano escolar como forma de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais envolvente. Através da escuta atenta, os alunos reconhecem suas próprias experiências, desenvolvem empatia e aprendem a respeitar outras visões de mundo.

Apesar disso, muitos espaços escolares ainda relegam a contação de histórias a segundo plano, ignorando sua potência formativa. Conforme observa Patrini (2005), as escolas priorizam a avaliação da produção escrita, negligenciando o desenvolvimento das habilidades de narrativa oral, especialmente em um país como o Brasil, onde a oralidade ainda é muito presente, sobretudo em regiões do Norte, Nordeste e em áreas rurais. Nesses contextos, as crianças convivem com familiares e contadores de histórias que mantêm viva a tradição oral, oferecendo um vasto repertório cultural que pode e deve ser valorizado nas práticas escolares.

Essa vivência com narrativas orais permite que os educadores reconheçam a diversidade cultural presente no cotidiano das crianças e incorporem essas histórias ao processo de ensino, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e conectada à realidade dos alunos. Valorizar esse saber ancestral é reconhecer a riqueza da linguagem falada e seu papel na formação da identidade e da cidadania.

Um dos grandes desafios enfrentados pela escola contemporânea está relacionado ao desinteresse pela leitura e à dificuldade de formar leitores efetivos. Muitas vezes, a literatura é tratada como instrumento de avaliação, e não como fonte de prazer e descoberta. Nesse contexto, a contação de histórias surge como alternativa poderosa, pois transforma o ato de ler em uma experiência afetiva e lúdica, despertando o interesse dos alunos e fortalecendo sua relação com os livros.

Incorporar a contação de histórias como metodologia na sala de aula traz benefícios para todos os envolvidos. As crianças, por meio do encantamento narrativo, desenvolvem sua imaginação, criatividade, linguagem e pensamento crítico. Já os professores tornam suas aulas mais atrativas, dinâmicas e eficazes, alcançando resultados significativos no processo de aprendizagem.

A fragilidade da formação inicial dos professores para o trabalho com a literatura, conforme apontamentos de Goulart e Nascimento (2025), torna-se evidente quando observamos as práticas de leitura literária nas escolas, especialmente na educação infantil. Nesse contexto, destacamos algumas limitações que atravessam a atuação docente nesse campo, como a diferenciação entre o ato de ler e o de contar histórias, conforme exposto a seguir.

Entretanto, Goulart e Nascimento (2025) ressaltam que as práticas de leitura na educação infantil não devem se limitar ao uso do livro com fins estritamente pedagógicos, moralizantes ou voltados à transmissão de conteúdos, sentimentos e condutas. Em vez disso, é fundamental que tais práticas valorizem a narratividade e a literalidade do texto. Ao refletirmos sobre a formação literária dos docentes, torna- se necessário considerar as discussões em torno do letramento literário, tema que será abordado na próxima seção.

Vieira (2014) também argumenta que a contação de histórias traz uma série de benefícios para o desenvolvimento infantil, como a estimulação da imaginação, o aprimoramento da atenção, o despertar da curiosidade, o incentivo à leitura e a capacidade de distinguir entre o bem e o mal. Além disso, essa prática contribui para o desenvolvimento da criatividade, auxiliando as crianças a enfrentarem os desafios do cotidiano. Segundo o autor, iniciar esse contato com as histórias desde os primeiros anos, especialmente no ambiente familiar, é essencial para a formação do hábito da leitura, favorecendo, ao longo do tempo, a construção de leitores ativos em sua trajetória escolar.

Além disso, Santos e Ferreira (2022) destacam as múltiplas contribuições da contação de histórias como um recurso fundamental na formação infantil, especialmente no processo de construção e compreensão de significados. Ao ouvirem histórias, as crianças

passam a incorporar atitudes analíticas, observando os comentários e as problematizações feitas pelo professor-narrador durante a contação. Esses momentos favorecem o desenvolvimento do senso crítico desde a infância, ao promover reflexões e questionamentos sobre as narrativas apresentadas.

2.3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise da literatura consultada permitiu constatar que a contação de histórias se configura como uma prática pedagógica de grande potencial para a Educação Infantil, corroborando a hipótese inicial deste estudo. De acordo com autores como Abramovich (2001), Riter (2009) e Santos e Ferreira (2022), o ato de narrar histórias amplia o repertório linguístico, desperta o prazer pela leitura e contribui para a formação de leitores críticos, o que vai ao encontro do objetivo de compreender os benefícios dessa prática no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

Os resultados da revisão apontam que a narrativa oral, quando utilizada de maneira sistemática, enriquece o ambiente escolar ao promover aprendizagens significativas. A escuta de histórias estimula a imaginação, favorece a construção de valores, amplia o vocabulário e fortalece as relações afetivas, criando condições para que a criança se envolva de forma ativa em seu processo de aprendizagem.

Primeiramente, verificou-se que os benefícios da contação de histórias extrapolam o campo da linguagem, alcançando dimensões sociais e emocionais fundamentais para a formação integral do sujeito. Também ficou evidente a centralidade da atuação docente nesse processo, pois cabe ao professor planejar, mediar e conduzir a narrativa de modo a torná-la significativa para os alunos. Por fim, identificou-se que a contação de histórias pode ser incorporada de forma criativa às metodologias de ensino, seja por meio da oralidade, da dramatização ou do uso de recursos visuais, ampliando o alcance da prática no cotidiano escolar.

Dessa forma, os resultados indicam que a contação de histórias não deve ser compreendida apenas como recurso auxiliar, mas como estratégia pedagógica essencial, capaz de tornar o ensino mais dinâmico, interativo e prazeroso. Essa constatação reforça a necessidade de valorizar a formação docente voltada para o trabalho com a literatura infantil, de modo a garantir que a prática seja explorada em todo o seu potencial educativo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste artigo permitiu compreender que a contação de histórias representa uma prática pedagógica de grande relevância na Educação Infantil, pois vai além do entretenimento e atua como recurso formador. Por meio dela, as crianças ampliam seu vocabulário, desenvolvem a imaginação, fortalecem

vínculos afetivos e constroem aprendizagens significativas que contribuem para sua formação integral.

Os resultados encontrados confirmam que, quando utilizada de forma planejada pelo professor, a contação de histórias estimula o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e prazeroso. Isso evidencia a importância de o educador assumir o papel de mediador nesse processo, valorizando a narrativa oral como ferramenta essencial para despertar o interesse das crianças pela leitura e pela aprendizagem.

Apesar dos avanços observados na literatura, ainda há desafios relacionados à prática docente e à formação inicial e continuada dos professores. Muitas vezes, a contação de histórias é vista apenas como atividade complementar, e não como parte integrante da proposta pedagógica. Reconhecer sua relevância exige investimento na capacitação dos educadores e no fortalecimento de metodologias que incorporem a narrativa de forma criativa e constante no ambiente escolar.

Por fim, este estudo ressalta que a temática da contação de histórias ainda necessita de novas pesquisas, especialmente de caráter empírico, que investiguem como essa prática é vivenciada nas escolas e quais são seus impactos concretos na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Dessa maneira,

abre-se espaço para futuros estudos que possam aprofundar o debate, ampliando a compreensão sobre o papel da narrativa no processo educativo e fortalecendo seu uso como estratégia pedagógica indispensável.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. Língua materna. Letramento, Variação e Ensino. São Paulo; Parábola, 2002.

BRASIL. Lei 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Ministério da Educação (MEC). Brasília, 1996.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). Brasília, 2010.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). Brasília, 1998.

BUSSATO, Cléo. A arte de contar histórias no séc XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.

GIRARDELLO, Gilka, por MIMANI, Thiago. A arte dos contadores de histórias. Nova Escola, 2006. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/2559/a-arte-dos- contadores-de-historias. Acesso em 11.03.2022

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; NASCIMENTO, Cláudia Roquini. Formação Literária Docente: Percepções a partir da leitura e da Contação de Histórias na Educação Infantil. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 23, p. 1-17, 2025.

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

RITER, Caio. A formação do leitor literário em casa e na escola. 1ª Ed. São Paulo: Biruta, 2009.

SANTOS, Cícera Rayane dos; FERREIRA, Rosimere. A Contação de História como mediadora no processo de Ensino e Aprendizagem da Educação Infantil /
Storytelling as a mediator in the process of Teaching and Learning in Early Childhood Education. ID on line. Revista de psicologia, [S. l.], v. 16, n. 63, p. 537–549, 2022. DOI: 10.14295/idonline.v16i63.3601. Disponível em:
https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3601. Acesso em: 1 ago. 2025.

SCHERMACK, Keila de Quadros. A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento, 2012.

VIEIRA, DD; BRITO, LTA. A contação de histórias na educação infantil. CINTEDI – Congresso Internacional de Educação e Inclusão. Editora Realize. 2014. Disponível em:https:<//www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datah ora_14_11_2014_23_59_06_idinscrito_3205_c91b5ae5d6c85ee10a17c963c3ada4d 0.pdf>. Acesso em: 20 jul. 25.